

• Nacional

8861 LNO / 1
GAZETA MERCANTIL

CONVERSA AO PÉ DO RÁDIO

Samuel - discurso
Viagem à URSS põe fim
ao ciclo do "preconceito
ideológico", diz Sarney

Em seu programa "Conversa ao Pé do Rádio", transmitido sexta-feira, dia em que embarcou para a União Soviética, o presidente José Sarney afirmou que sua visita à URSS "abre caminho para a cooperação política, cultural e econômica" com aquele país, além de colocar um ponto final num longo período de distanciamento, marcado pelo "preconceito ideológico."

No programa, o presidente falou também sobre o lançamento do "pacote ecológico", feito no começo da semana. "A mentalidade de que as riquezas naturais do nosso País são inesgotáveis violenta a realidade. Temos necessidade de ações imediatas, objetivas, para proteger o patrimônio nacional", disse o presidente, anunciando que, em seu governo, criou 11 milhões de hectares de áreas de proteção ambiental.

"Brasileiras e brasileiros, bom-dia.

Aqui vos fala, mais uma vez, o presidente José Sarney, hoje, sexta-feira, dia 14 de outubro de 1988. Estamos em mais uma 'Conversa ao pé do rádio'.

Primeiro, devo comunicar a todas as brasileiras e brasileiros que estarei viajando à tarde para a União Soviética. É a primeira vez que um presidente do Brasil, chefe de Estado, estará naquele país, em visita oficial.

Esta viagem tem um alto significado: primeiro, estamos dando um caráter de normalidade absoluta às nossas relações, estamos chegando ao fim de um ciclo de relações marcadas pelo preconceito ideológico e estamos abrindo caminho para uma ampla e dinâmica cooperação com uma das grandes potências no terreno político, cultural e econômico.

Vamos assinar vários acordos na área de ciência e tecnologia, cultural e política. Damos seguimento à nossa política exterior, iniciada e dinamizada no meu governo, de colocar o nosso país dentro do novo panorama da política mundial.

Em Moscou, também, teremos oportunidade de inaugurar uma exposição da indústria brasileira e realizar um amplo debate de empresários sobre o Brasil e as nossas possibilidades econômicas.

Esta nova etapa das relações Brasil-União Soviética somente é possível, graças ao processo democrático brasileiro e à política da perestroika, que faz com que uma visão nova do mundo não nos separe nem pelas raças, pela religião, pelos regimes, mas pela solidariedade que deve unir todos os povos em busca de um mundo melhor. Esse é o nosso traço de união.

Passarei pela França e avistar-me-ei com o presidente Mitterrand, com o primeiro-ministro Rocard, discutindo problemas de nossas relações e problemas mundiais. Estarei hospedado em nossa embaixada em Paris, e em Moscou serei hóspede do governo soviético, que me hospedará no Palácio do Kremlin. Terei vários encontros com o chanceler Gorbachev — este líder que já tem uma posição assegurada no panorama do mundo contemporâneo, pela sua visão e pelo trabalho que realiza em favor da paz e do desarmamento.

Na minha volta, inaugurarei a embaixada do Brasil em Lisboa e avistar-me-ei com o presidente Mário Soares e o primeiro-ministro Cavaco Silva. Estas viagens demandam um longo trabalho de estudo e de preparação e de uma grande responsabilidade de representar o nosso país, mas são viagens necessárias para que o Brasil ocupe o seu espaço no mundo, defenda os seus interesses, ampliando suas áreas de cooperação.

Agora, também devo dar uma notícia ao povo brasileiro. E que nesta semana lancei o programa da maior importância: o programa 'Nossa Natureza', para conter a ação predatória do meio ambiente e dos nossos recursos naturais renováveis. É um programa de grande alcance, que deve tocar todo o Brasil, porque nós todos, brasileiros, somos responsáveis pela preservação da nossa natureza.

A mentalidade de que as riquezas naturais do nosso país eram inesgotáveis violenta a realidade. Temos necessidade de ações imediatas, objetivas, para proteger o patrimônio nacional, para proteger tantos sítios de extraordinária beleza, nossa flora, nossa fauna, nosso patrimônio ecológico, que é um bem irremediável que herdamos e que não podemos deixar que se degrade, se destrua, e que devemos proteger para não perder.

Quero dizer que a minha preocupação com o meio ambiente não é de hoje. Em 1972,

INCÊNDIO — Até quarta-feira próxima, a Carteira de Comércio Exterior (Cacex) do Banco do Brasil, estará funcionando em novas instalações, já que as antigas não poderão ser ocupadas após o incêndio do prédio em que o órgão funcionava. A informação foi dada pelo diretor da Cacex, Namiir Salek, na sexta-feira, após ter acompanhado a periclitação do prédio, na véspera, que constatou falta de garantia para o trabalho dos funcionários no local. "Além disso, há o aspecto emocional que possibilita o retorno. Muitos funcionários passaram horas sufocados pela fumaça e pelo cloro", disse Salek.

senador da República, em longo pronunciamento no Senado Federal, que hoje consta de um dos livros que publiquei, 'O Parlamento necessário', eu dizia: 'A aventura humana prosseguiu, chegou aos nossos dias com desenvolvimento da tecnologia ao esplendor do tempo industrial, mas à proporção que avançamos nesse rumo tomamos conhecimento de que somos prisioneiros de um pequeno planeta que também, a uma velocidade extraordinária, caminha pelos espaços perdidos. O homem, que se julgava objeto da criação e fora da natureza, começa a duvidar de sua primazia e antes de salvar-se ele sabe agora que precisa salvar a Terra. O que adiataria o desenvolvimento, a vida em si mesma se ela não tivesse mais espaço para existir? Esta é a raiz da dúvida que está levando as nações a pensar na natureza não mais somente em termos de sua beleza, do usufruto de suas dádivas e de sua exploração, mas pensar na natureza em termos de que ela pode chefiar, agredida, uma rebelião impulsiva contra o próprio homem, criando uma antiexistência'.

Quero também dizer que, durante o meu governo, não me descuidei desse problema; ao contrário, posso dizer que durante esses três anos nós criamos nove parques nacionais, criamos áreas de proteção ambiental e estações ecológicas, estas da ordem de 4 milhões de hectares e aquelas da ordem de 7 milhões de hectares.

No que se refere ao problema indígena que também faz parte desse problema, quero dizer que de 1910 a 1984, durante todo o tempo em que esse problema foi tratado, nós demarcamos uma superfície de 12 milhões de hectares. Pois bem, durante o governo Sarney, nós já demarcamos 23 milhões, 994 mil, 425 hectares de terras indígenas, o que significa o dobro de toda a terra indígena demarcada ao longo da História do Brasil.

Quero dizer também que o total de áreas indígenas hoje, no nosso País, é de 82 milhões, 544 mil hectares, o que significa 10% do território nacional. Este esforço, esta visão para o problema, não pode passar sem uma devida anotação por parte do povo brasileiro. Basta dizer que nos Estados Unidos cada índio tem uma reserva de 20 hectares. No Brasil, nós temos, hoje, 200 hectares para cada indígena. A área Yanomani nós declaramos parque nacional e área indígena 8 milhões e 200 mil hectares, o que significa quatro vezes o Estado de Sergipe, para uma população Yanomani, em nosso território, de 9 mil, 910 indígenas que foram recenseados em dezenove áreas, separados e protegidos por florestas nacionais onde eles têm o seu mundo.

Eu quero, para finalizar, ao abordar esse problema, dizer que o problema da proteção ao meio ambiente, o problema ecológico, não é um problema somente do governo.

O governo tem a sua responsabilidade, as suas leis, e vai cumprir com a sua parte, mas esse problema é um problema que tem de despertar a consciência nacional e só será resolvido quando cada brasileiro tiver a noção de que ele tem de preservar o meio ambiente, que ele tem de defender a nossa natureza.

Fiquei profundamente chocado quando nós constatamos, há cerca de quatro meses, cerca de 6 mil focos de incêndios em todo o território nacional, só num dia, localizados por satélites. Ora, esses incêndios são provocados por pessoas e essas pessoas têm de ser conscientizadas de que não podem fazer isso, que estão causando um dano irreversível ao nosso País.

Que se crie no Brasil, em cada lugar, em cada município, em cada localidade, um conjunto de homens de boa vontade, sensibilizados para o problema, para que eles, juntos, possam pensar e iniciar ações no sentido de defender a nossa natureza — natureza do Brasil, patrimônio nacional.

Para terminar, eu quero mandar uma saudação muito especial a todos que trabalham no Banco do Brasil, dos seus dirigentes aos seus funcionários, do mais alto ao mais humilde. O Banco do Brasil está completando 180 anos. É uma grande instituição nacional, uma instituição que orgulha o nosso país pelo seu quadro, pelos seus recursos humanos e pelo que ele tem realizado ao longo da história do Brasil. Completa 180 anos.

E, quero dizer, poucos presidentes trabalharam tanto pelo Banco do Brasil quanto o presidente Sarney. Quando cheguei ao governo, encontrei o Banco do Brasil numa participação abaixo de 10% no setor financeiro nacional. Hoje, essa participação é de mais de 18%. E, mais ainda, criei a caderneta verde do Banco do Brasil, dei poupança ao Banco do Brasil — a captação de poupança — também a companhia de seguros, enfim, fiz do Banco do Brasil um conglomerado financeiro capaz de competir com os outros setores e os outros organismos nacionais. Todos os instrumentos eu dei no governo ao Banco do Brasil.

Também nesta data, temos de lamentar o incêndio que existiu no Rio de Janeiro, no prédio do Banco do Brasil, e eu quero me solidarizar não somente com as vítimas, mas também com a instituição e os funcionários da Cacex que tiveram de passar por esse transtorno difícil.

Finalmente, a minha mensagem de esperança: estou viajando e levo a mesma fé, a mesma imagem do Brasil, tendo a certeza de que, como presidente da República, estou no exterior representando um grande País, que tem um grande futuro, um grande povo e um grande destino.

Bom-dia, a todas as brasileiras e brasileiros."